

RICHARD SENNETT

O DECLÍNIO DO HOMEM PÚBLICO AS TIRANIAS DA INTIMIDADE

Tradução:
LYGIA ARADUO WATANABE

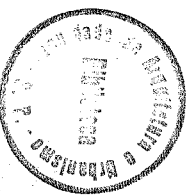
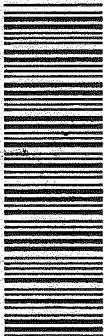
1.ª reimpressão

USP-FAU
301.1
SES8D

DECLÍNIO DO HOMEM PÚBLICO

MONOGRAFIAS

00027232



COMPANHIA DAS LETRAS

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Para C. R. H.

54814

Sennett, Richard, 1943-
O declínio do homem público : as tiranias da in-
feridade / Richard Sennett ; tradução Lygia Arraújo
Karamanez. -- São Paulo : Companhia das Letras, 1988.

Apêndice: Eu acusa! / Emile Zola.

ISBN 85-85095-81-4

I. Alienação (psicologia social) 2. Comportamento
humano 3. História social 4. Interação social 5. Mu-
dança social I. Zola, Emile, 1840-1902. Eu acusa.
II. Título.

CDD-900

-302

-544

-303.45

88-0554

Índices para catálogo sistemático:

1. Alienação : Interação social 302.544
2. Comportamento humano : Interação social : Sociologia 302
3. História social 900
4. Homem : Comportamento social : Sociologia 302
5. Homem público : Declínio : Sociologia 303.45
6. Interação social : Sociologia 302

Copyright ©1974, 1976 by Richard Sennett

Título original:

The Fall of Public Man

Indicação editorial:

Renato Janine Ribeiro

Capa:

Moema Cavalcanti

sobre *Escadaria Bauhaus* (1932), de Oskar Schlemmer

Índice remissivo:

Adelina Bouças

Marisa Vargas

Revisão:

Anibal Mari

Regina Colaneri

Clara Baldrati

Paulo César de Melo

1988

Editora Schwarcz Ltda.

Rua Barra Funda, 296

01152—São Paulo—SP

Fones: (011) 825-5286 e 825-6498

301,1
3058d

284,58/mam

5

SEGUNDA PARTE
O MUNDO PÚBLICO
DO "ANTIGO REGIME"

CAPÍTULO 3
A PLATEIA:
UM CONJUNTO DE ESTRANHOS

Para compreendermos o declínio da vida pública, é necessário que entendamos as épocas durante as quais ela foi vigorosa e os termos nos quais foi mantida. Os quatro capítulos seguintes descrevem a formação, a presença, as dificuldades e as conseqüências da vida pública em Paris e Londres em meados do século XVIII. Conviém dizer alguma coisa a respeito de duas expressões empregadas nesta descrição: a primeira, "antigo regime"; a segunda, "burguesia".

A expressão "antigo regime" é usada muitas vezes como sinônimo de feudalismo; poderia assim se referir a um período de tempo que abrange desde antes dos anos 800 até depois de 1800. Prefiro, porém, seguir o uso estabelecido por Tocqueville: "antigo regime" se refere ao século XVIII, especificamente ao período no qual a burocracia comercial e administrativa se desenvolve nas nações, paralelamente à persistência de privilégios feudais. Desse modo, a Inglaterra teve um "antigo regime", tal como a França, muito embora nem a burocracia nem os privilégios feudais fossem os mesmos nos dois países. Por vezes, quando pensamos na "velha ordem", somos propensos a imaginar uma sociedade decadente, cega à podridão existente em seu interior; o verdadeiro "antigo regime" nada tinha dessa sonolenta indiferença para com suas próprias contradições. Dois princípios que jamais poderiam ser reconciliados foram, durante muito tempo, postos lado a lado numa tensão inquietante.

Quanto ao termo "burguesia", confesso-me um tanto constrangido. Há um número muito grande de histórias de conspirações do virtuoso proletariado exaurido pelas forças do mal lideradas pela burguesia na Roma de Augusto, na Benares medieval ou na Nova Guiné dos dias de hoje. Essa análise mecânica das classes é tão obtusa que, muito

logicamente, provoca no leitor um desejo de nunca mais ouvir falar em "classe" e "burguesia". Infelizmente, a burguesia existia, a classe é um fato, e temos, de algum modo, que falar delas como coisas reais, sem recorreremos à demonologia. Provavelmente, nenhum estudo da cidade do século XVIII poderia evitar uma análise da burguesia urbana, pois nela estavam seus governantes, administradores, seu apoio financeiro e uma boa parte de sua população. Além disso, o termo "burguesia" é mais abrangente do que "classe média"; este indica a posição de uma pessoa no meio de uma escala social, mas não diz como ela chegou até lá. "Burguesia" indica que alguém ocupava essa posição porque trabalhava na administração ou no comércio não feudal; os administradores de uma propriedade podem ocupar uma posição média na sociedade, mas não são parte de uma burguesia. É claro que a burguesia urbana do século XVIII não tinha as mesmas funções econômicas, a mesma percepção de si mesma ou a mesma moral da burguesia do século XIX, mas esse tipo de distinção implica mudanças no interior de uma classe. A desvantagem de jogar fora a palavra certa porque é tão facilmente mal empregada é que dá a impressão de que essa classe não possui história.

Abordemos, finalmente, a ordem dos capítulos. O Capítulo 3 trata da questão da platéia; o 4, dos códigos de crença; o Capítulo 5, da distinção entre público e privado e o Capítulo 6, da expressão. É preciso não se esquecer que estes assuntos não apresentam quatro experiências diferentes, mas sim quatro dimensões de um mesmo tipo de experiência: a experiência pública. Acima de tudo, deve-se ter sempre em mente que a vida pública não começou no século XVIII; nesse século, tomou forma uma nova versão da vida pública, centralizada em torno de uma burguesia em ascensão e de uma aristocracia em declínio.

Uma cidade é um meio no qual estranhos podem se encontrar; entretanto, o "estranho"* talvez seja uma figura de dois gêneros bem diferentes. Os italianos podem encarar os chineses que se mudam para a sua vizinhança como estranhos, mas sabem como definir essa intrusão: pela cor da pele, pelos olhos, pela linguagem, pelos hábitos alimentares, o italiano sabe reconhecer e situar um chinês como diferente dele próprio. Neste caso, o estranho é sinônimo de forasteiro e surge em uma paisagem onde as pessoas têm percepção suficiente de suas próprias identidades para poderem criar regras sobre quem se enquadra e quem não se enquadra. Existe um outro sentido de "es-

tranho", ao qual estas regras não se aplicam: o estranho enquanto um desconhecido, em lugar de forasteiro. Um estranho pode ser percebido nestes termos por alguém que tenha regras próprias para a sua identidade, como, por exemplo, um italiano que conhece alguém a quem não saiba "enquadrar"; contudo, enquanto um desconhecido, o estranho pode dominar as percepções daqueles que estão inseguros quanto à própria identidade, ou estão perdendo imagens tradicionais de si mesmos, ou ainda que pertencem a um novo grupo social que ainda não possui um rótulo preciso.

A cidade enquanto um conjunto de estranhos do primeiro tipo é mais bem classificada como cidade étnica, como a moderna Nova York fora de Manhattan ou a Cidade do Cabo, onde raça e língua fornecem distinções imediatas. Uma cidade do segundo tipo, na qual os estranhos são quantidades desconhecidas, surge quando uma nova e ainda amorfa classe social está se formando nela, e a cidade, por sua vez, está se reorganizando em torno desse grupo social. Foi o que aconteceu com Paris e Londres no século XVIII. A nova classe era a da burguesia mercantil.

"Ascensão da burguesia" é também uma expressão desgastada; tanto que um historiador foi impellido a comentar que a única constante histórica é que as classes médias estão sempre ascendendo por toda a parte. A extrema familiaridade da imagem encobre um fato importante a respeito da mudança ocorrida nas classes: uma classe em ascensão ou em desenvolvimento habitualmente não tem uma idéia clara de si mesma. Uma vez, uma percepção de seus direitos lhe advém antes mesmo da percepção de sua própria identidade; outras vezes, os fatos do poder econômico antecedem os modos, os gostos e a moral adequados. O surgimento de uma nova classe pode deste modo criar um ambiente de estranhos no qual muitas pessoas ficam cada vez mais iguais umas às outras, mas sem terem consciência desse fato. Há uma sensação de que as velhas diferenciações, as velhas linhas divisórias entre um grupo e outro, já não têm valor, mas há pouco senso de novas regras para distinções de momento. A expansão das classes mercantil e burguesa nas capitais do século XVIII foi acompanhada pelo aparecimento de muitas pessoas inclassificáveis — materialmente semelhantes, mas ignorantes de suas semelhanças — e pelo afrouxamento das posições sociais tradicionais. Estava faltando uma nova linguagem para "nós" e "eles", para quem é do grupo e quem não é, para "acima" e "abaixo" na escala social.

O problema da platéia em um meio de estranhos tem sido comparado ao problema da platéia no teatro: como suscitar crença entre aqueles que não nos conhecem? A questão é muito mais premente em

(*) No original, *the stranger*: "estranho", "estrangeiro". (N. T.)

um meio de estranhos enquanto desconhecidos do que em um meio de estranhos enquanto forasteiros. Para que um forasteiro desperte confiança, tem que penetrar uma barreira, fazendo-se verossímil nos termos habituais e usuais aos que estão do lado de dentro. Mas estranhos em um ambiente mais amorfo têm diante de si um problema mais complexo: o de suscitar crença pelo modo como se comportam, em uma situação onde ninguém está realmente seguro quanto aos padrões adequados de comportamento para um determinado tipo de pessoa. Neste caso, uma das soluções consiste em as pessoas criarem, tomarem emprestado ou imitarem comportamentos que todos concordem em tratar como "adequados" e "verossímeis" em seus contatos. O comportamento está a uma certa distância das circunstâncias pessoais de todos e, portanto, não força as pessoas a tentarem definir umas para as outras quem são. Quando isso ocorre, uma geografia pública está para nascer.

Examinemos, então, as forças no interior das capitais dos meados do século XVIII, que criaram um ambiente de estranhos enquanto desconhecidos. Investigaremos o tamanho e a migração da população, sua densidade na cidade e sua caracterização econômica na década de 1750 e nas décadas precedentes.

QUEM VEIO PARA A CIDADE

Em 1750, Londres era a maior cidade do mundo ocidental, seguida de Paris; todas as outras cidades europeias ficavam muito aquém em tamanho. Seria cômodo afirmar simplesmente que nos cem anos entre 1650 e 1750 Paris e Londres estavam crescendo em termos de população. A afirmação é verdadeira, mas tem de ser cercada por todos os tipos de condicionais.¹

Eis como Londres cresceu. Em 1595, abrigava cerca de 150 mil almas; em 1632, 315 mil; em 1700, cerca de 700 mil; na metade do século XVIII, 750 mil. O crescimento de Londres na era industrial dos últimos dois séculos faz com que essas mudanças pareçam muito pouco significativas; no século XIX, Londres passou de 860 mil para 5 milhões de habitantes. Mas no século XVIII não se sabia o que estava para acontecer. As pessoas só podiam entender aquilo que já acontecia, e a cidade, principalmente após o grande incêndio de meados do século XVII, parecia a seus olhos estar se tornando extraordinariamente populosa.²

Determinar a população de Paris durante esse período é mais difícil, pois a política interferiu nos resultados dos censos, dos anos de

1650 a 1750. As melhores estimativas apontam os seguintes números: o censo do cardeal Richelieu, de 1637, cerca de 410 mil; o censo de 1684, cerca de 425 mil; o de 1750, cerca de 500 mil. Parecem pequenas as mudanças no decorrer do século, especialmente se comparadas às de Londres. Elas devem, no entanto, ser colocadas dentro do contexto do país. Como ressaltava Pierre Goubert, a população na França como um todo se achava no mínimo estagnada, provavelmente em declínio durante grande parte do início e de meados do século XVIII. A população de Paris crescia em um ritmo lento, enquanto a população da França como um todo ia de fato diminuindo.³

O "crescimento" parecia, então, diferente em Londres em comparação ao de Paris, mas o que significa, em si, crescimento urbano? Se o número de nascimentos for superior ao de óbitos numa cidade, com o decorrer do tempo, as mudanças poderão vir de dentro dela mesma; se o número de nascimentos for inferior ao de óbitos, somente pode haver aumento de tamanho da cidade se os estranhos estiverem entrando em número superior ao que a própria cidade está perdendo, na proporção entre nascimentos e óbitos. Em estudos de nascimentos e óbitos no século XVIII, há um acirrado debate entre Talbot Griffith e H. J. Habakkuk no tocante a saber até que ponto os avanços da medicina e da saúde pública fizeram diminuir as taxas de mortalidade e aumentar o índice de natalidade. Porém, qualquer que seja a solução que se dê a esta questão erudita, o certo é que o aumento de tamanho de Londres e de Paris no século anterior a 1750 dependeu, em grande parte, da migração externa, proveniente de cidades pequenas e do campo. O demógrafo Buffon resume o fato da seguinte forma: quanto a 1730, nos diz ele, "Londres precisa suplementar (a partir das províncias) o número de nascimentos, em uma vez e meia, a fim de se manter, ao passo que Paris é auto-suficiente em aproximadamente um para setenta e cinco".⁴

Em Paris e em Londres, a migração externa constitui a fonte de suas diferentes formas de impulso populacional. Graças ao trabalho de E. A. Wrigley, temos uma idéia clara dos números e padrões de migração para Londres, de 1650 a 1750. Wrigley estima que, para engrassar suas fileiras, Londres precisou de 8 mil migrantes internos por ano, durante esse período. Os que chegavam eram jovens — ele estima que a média de idade era de vinte anos — e geralmente solteiros. Isto é:

(*) Não se trata de uma fórmula reversível; não há setenta e cinco vezes mais óbitos do que nascimentos. Buffon está falando daquilo que é necessário para manter a população, considerando-se todos os fatores relevantes.

